

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Leonardo Pereira Maia

INSERÇÃO E PROXIMIDADES:

MEDIAÇÃO EM ESPAÇOS CULTURAIS PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Belo Horizonte

2016

Leonardo Pereira Maia

INSERÇÃO E PROXIMIDADES:

MEDIAÇÃO EM ESPAÇOS CULTURAIS PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Proposta Pedagógica em formato de Artigo apresentada ao Curso de Mestrado Profissional da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Ensino de Arte.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vivas Andrade

Co-orientador: Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2016

SUMÁRIO

1. ARTIGO: Inserção e Proximidades: Mediação em espaços culturais para alunos da Educação de Jovens e Adultos .	3
2. PROPOSTA PEDAGÓGICA: Proposta Pedagógica de inserção em Espaços Culturais para alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA	25
REFERÊNCIAS	30

INSERÇÃO E PROXIMIDADES: Mediação em Espaços Culturais para alunos da Educação de Jovens e Adultos

INSERTING AND VICINITY: Mediation in Cultural Spaces for students of the Youth and Adult Education

Leonardo Pereira Maia¹

RESUMO

O presente estudo versa sobre a proposta pedagógica de inserção do público discente da Educação de Jovens e Adultos da Escola Belizário Ferreira Caminhas, situada em Betim/MG, aos espaços culturais da região metropolitana de Belo Horizonte. Considerando a especificidade dos alunos da EJA, buscou-se construir reflexões a respeito das práticas metodológicas usadas no contexto escolar, sobre como as aulas de Arte podem contribuir para a experiência e acesso desse público a esses espaços, ao mesmo tempo em que é refletido sobre as possíveis contribuições que tais locais poderão oferecer para o processo de ensino/aprendizagem em Arte do alunado em questão.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Mediação Cultural, Ensino/aprendizagem em Arte

ABSTRACT

This study describe the pedagogical proposal for inclusion of the student audience of the Youth and Adult Education School Belizário Ferreira Caminhas, located in Betim / MG, to cultural spaces in the metropolitan region of Belo Horizonte. Considering the specificity of the EJA students, sought to build reflections on on the Art classes can contribute to the experience and access that audience to these spaces, while that is reflected on the possible contributions that such places may offer to the teaching / learning process student body art in question.

Keywords: Youth and Adult Education, Cultural Mediation , Teaching / Learning in Art

¹ Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão de bolsa durante todo período de realização do Mestrado Profissional.

INTRODUÇÃO

As propostas de ensino/aprendizagem de Arte para a Educação de Jovens e Adultos – EJA requerem um olhar diferenciado, visto que esse público apresenta características próprias, peculiaridades que o distingue dos demais discentes da escola regular. Diante dessa especificidade, pensamos na necessidade de planejar práticas pedagógicas que pudessem não somente utilizar dos recursos disponíveis no ambiente escolar, mas que extrapolem os limites físicos da escola.

O público adulto juvenil busca explorar os espaços sociais em que convive, e essa procura faz parte de suas experiências de vida, conforme Alvares (2012), conferindo a esses locais simbologias e significados que participam da construção de suas identidades.

Sobre essa ótica, pensamos que são pertinentes propostas pedagógicas para as aulas de Arte que tenham como intuito visitas a espaços onde são expostas obras artísticas e onde ocorrem manifestações e apresentações culturais.

Para a sondagem prévia sobre a experiência dos alunos da Escola Belizário Ferreira Caminhas, foi aplicado um questionário aos alunos contendo as seguintes indagações:

- 1) Como você imagina um Museu e o que você pensa que encontrará ao visitá-lo?
- 2) Você já visitou um Museu? Se “sim”, relate o que viu. Se “não” descreva as possíveis causas deste fato.
- 3) Você conhece quais espaços culturais (museus, teatros...) existem em sua cidade?
- 4) Já participou de algum evento cultural (exposição, *shows*, apresentação de peças teatrais, ópera...)?
- 5) Qual importância de um Museu para uma cidade?
- 6) Você acha que o Museu pode contribuir para ampliar os conhecimentos construídos na escola? Descreva.

O objetivo desse questionário era fazermos uma sondagem sobre os prévios conhecimentos do nosso alunado sobre os espaços culturais. Nele podemos observar que muitos dos alunos não têm conhecimento do que é um espaço onde são expostas obras de arte ou acontecem eventos culturais, como apresentações musicais, teatrais ou de dança.

Nas atividades feitas em sala de aula, nota-se que o alunado convive com manifestações artísticas que são próprias da comunidade onde estão inseridos, expressando essas manifestações nas oportunidades que lhes são ofertadas no contexto escolar. Porém, o que se propõe é extrapolar

esses horizontes, explorando outros universos artísticos, com o intuito de ampliar o conhecimento desses discentes no que concerne o ensino/aprendizagem de Arte.

Indagações surgem quando é pensado como os espaços culturais que se destinam a exposições de obras e manifestações artísticas poderão contribuir para o ensino/aprendizagem em Arte para a EJA da Escola Municipal Belizário Ferreira Caminhas - EMBFC. Ao propormos visitas às exposições e espetáculos presentes em alguns espaços culturais na cidade de Belo Horizonte, surgiram as seguintes questões: como esses espaços e o acesso a eles poderão contribuir para o processo de ensino/aprendizagem no contexto escolar da Educação de Jovens e Adultos dessa escola? Como as aulas de Arte poderão contribuir para o acesso aos mesmos?

Neste artigo apresentamos quem são esses indivíduos que fazem parte do corpo discente da EJA da EMBFC, seu contexto de vida social e escolar, assim como será relatada a proposta em ensino/aprendizagem em Arte visando inserir e incentivar a ida do público discente aos espaços culturais, descrevendo as experiências já proporcionadas a esse alunado e as contribuições e implicações que essas visitas trouxeram para a prática da docência artística nessa escola. Levantamos reflexões a partir de referenciais teóricos sobre o processo de mediação nos espaços culturais e o ensino/aprendizagem em Arte para a EJA.

O público discente da Educação de Jovens e Adultos e o contexto escolar

A EMBFC, local onde desenvolvemos a pesquisa com os alunos, está situada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, na periferia da cidade de Betim, no Bairro Teresópolis, e atende o público do Ensino Fundamental I e II na modalidade regular e semestral. A Educação de Jovens e Adultos - EJA é ministrada no período noturno e abrange desde as fases iniciais de letramento até os anos finais do Ensino Fundamental II.

Observamos que a escola é um meio onde as trocas de experiências poderão auxiliar no desenvolvimento de habilidades e conceitos, e as teorias ali criadas poderão acompanhar os discentes por todas as dimensões de sua vida, conforme descrevem Araújo e Oliveira (2015).

Na EJA é peculiar a larga trajetória de vida desses alunos devido, entre outros fatores, às dessemelhanças da faixa etária desse público, o que dilata o leque das possibilidades de socialização desses indivíduos, ampliando e construindo conhecimentos.

Nesse sentido, a matriz curricular da EJA deve ser flexível para se adaptar à heterogeneidade discente, buscando atender da melhor forma as necessidades de aprendizagem do jovem e do adulto. Essa diversidade é esboçada no campo das idades, profissões e experiências de vida.

Nota-se que esse alunado tem como peculiaridades a procedência de diversas regiões (zonas rurais e outros estados do país), uma comunidade inserida num contexto social marginalizado (aglomerados), pessoas com dificuldades cognitivas e defasagem educacional, como aponta Alvares: “Nas salas de aula noturnas, avizinham-se gente da periferia com gente do sertão, compondo belos quadros da pluralidade cultural do nosso país”. (2012, p. 84)

Assim mesmo que inserido num grupo culturalmente heterogêneo, a singularidade do estudante jovem adulto é o ponto mais alto da EJA, pois cada um desses estudantes carrega histórias e realidades ímpares.

Sabemos que as realidades encontradas nesse segmento de ensino são de alunos muitas vezes excluídos do contexto educacional por diversos fatores presentes em suas histórias de vida - como a evasão escolar - fruto de realidades como: trabalho precoce, mudança de localidade geográfica em busca de emprego (migrações), *déficit* cognitivo e envolvimento com entorpecentes químicos, como drogas e o álcool. Para alguns desses alunos, o grande desafio é aprender a ler, escrever, interpretar e fazer um cálculo matemático.

Reafirma-se que, conforme Alvares (2012), na atualidade, jovens e adolescentes apresentam presença marcante no ensino noturno, migrados do sistema regular, vendo no espaço escolar um local de encontro entre seus pares, sendo essa prática social um ponto central em sua escolarização. Essa presença de jovens, adultos e idosos em um mesmo local - a diversidade de gerações, de valores, de experiência de vida - pode ser fértil para o processo de ensino/aprendizagem.

O estudo é visto para muitos desses alunos, como a mudança de perspectiva de vida, conferindo aos mesmos *status* social, pois saber ler e escrever, em uma sociedade que se torna cada vez mais tecnológica é condição básica para a inserção no mercado de trabalho, para ter acesso aos bens de consumo, poder participar de algum cargo em sua igreja, ser um líder comunitário, auxiliar os filhos em suas tarefas escolares, dentre outras possibilidades que exigirão certo grau de estudo.

Para Alvares

o pensamento letrado é associado a práticas culturais predominantes em sociedades urbanas, escolarizadas, industrializadas, burocratizadas e caracterizadas por desenvolvimento científico e tecnológico. (2013, p. 93)

Observamos que uma das realidades na EJA da Escola Belizário é a presença de pais e mães de família. Outro fenômeno encontrado é a gravidez precoce. Alguns deles, na luta rotineira em busca de melhorias nas condições de sobrevivência, necessitam dividir a atenção escolar com o cuidar de suas crianças que, ora e outra, mesmo diante da exortação da coordenação escolar, acabam partilhando do espaço da escola noturna com seus pais, que se sentem forçados a levar seus filhos por não ter com quem deixá-los.

Outro fator observado e que caracteriza o público da EJA dessa escola é a situação trabalhista dos alunos. Como um grupo significativo de alunos está inserido no mercado de trabalho, o cansaço é um fator que está presente no cotidiano escolar. Diante do esgotamento físico é necessário que haja um novo olhar sobre as formas de ensino. Essa característica também abarca a situação de muitos jovens pertencentes a esse público. Da mesma forma, os adultos também trazem essa demanda, embora, a trajetória de vida, os ensina a resistir mais as realidades e desafios encontrados. Reitera-se que o trabalho constitui uma forma de conhecimento prévio desse alunado.

Observamos também que o uso de tóxicos e entorpecentes é outro fator relevante que, de forma significativa, interfere no processo de ensino/aprendizagem desse alunado, precisando de intervenções que extrapolam a alçada da escola.

A prática associada às confirmações realizadas pelas referências de Alvares (2012) permitiu analisar que essas situações acabam conferindo a muitos desses alunos uma baixa autoestima e desesperança frente às expectativas escolares, o que leva muitos deles à evasão escolar. Diante de tal realidade, como pensar em um ensino/aprendizagem em Arte que, além de promover a aprendizagem, possa auxiliar no resgate dessa autoestima, na valorização desses indivíduos como seres históricos, fazendo da escola um meio onde seja compensada a desvantagem desses alunos que não encontram em seu meio incitação às práticas sociais que incentivem e cultivem a apreciação de arte.

Os alunos chegam à escola com essas realidades e esses fatores influenciam no processo ensino/aprendizagem desses indivíduos, já que participam da constituição dessas pessoas, permeando seu processo cognitivo, sua percepção, interpretação e visão de mundo. Assim, é necessário um olhar diferenciado para essas situações. Esse olhar consiste levar em consideração esses fatores, pois entendemos que esses influenciam no processo de ensino/aprendizagem do aluno.

Esse entendimento é reiterado por Alvares: “há uma série de fatores de naturezas diversas que influenciam as probabilidades de êxito dessas pessoas [...] ao enfrentar as várias demandas de natureza cognitiva” (2012, p. 78)

Ao ser reinserido no contexto escolar, esse alunado demanda questões e reflexões diferenciadas sobre seu processo de ensino/aprendizagem. Surge a questão: como a escola poderá contribuir com a construção e reafirmação da identidade desses cidadãos? Araújo e Oliveira (2015), remetendo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, mencionam que as aulas de Arte podem ser espaços oportunos para que esses alunos trabalhem a desinibição, a baixa autoestima, a consciência corporal e o cultivo da sociabilidade.

Sobre essa óptica, entendemos que a proposta que visa saídas do contexto escolar, explorando novos ambientes, ampliando as possibilidades de socialização e a gama de conhecimento sobre o meio que os circundam, potencializam os ganhos desses objetivos.

A exclusão escolar é apenas uma das formas da negação de direitos desses indivíduos. No que cabe à competência da Arte, percebe-se que esta exclusão é ampliada quando não ocorre o acesso desses alunos ao conhecimento e vivências de outras experiências estéticas, que se refere ao não contato ou acesso do indivíduo a diferentes manifestações artísticas.

A escola e o professor podem oferecer ao aluno essa oportunidade de vivenciar outras formas de experiências estéticas, pois estas são relevantes para o seu processo de ensino/aprendizagem, construção e consolidação de conhecimentos, pois entendemos que esses saberes contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes do mundo que os circunda e dos elementos que o compõem.

Sabe-se que a sociedade enxerga a escola como um centro de formação de indivíduos, preparando-os para vivenciar e experimentar esse acesso aos bens culturais, porém é necessário valorizar, avaliar e melhorar as práticas escolares, que muitas vezes não recebem a transformação necessária para exercer tal papel, conforme descreve Fontal (2008). Esse descuido seria responsável por um ensino/aprendizagem em Arte que não contemple essa dimensão de acesso.

Para Aguirre (2008), as práticas de mediação poderão auxiliar na pouca relação entre a escola e os espaços informais, e é nessa lacuna que poderá agir o professor, tornando-se mediador entre os saberes escolares e os espaços culturais com todas as expressões artísticas que ali se manifestam.

Acerca desses espaços, pensa-se como a escola, nas propostas desenvolvidas para as aulas de Arte, pode contribuir para estreitar essa relação de um público que ainda se encontra distante da apropriação e trânsito nesses locais onde são expostas obras e ocorrem apresentações artísticas, e as imbricações contidas nessa realidade.

Com relação a esses aspectos específicos do conhecimento como capital cultural, é possível encontrar a referência de Bourdieu (2007), que descreve que o capital é definido na objetividade das coisas. Esse capital pode ser econômico, cultural, social e simbólico. No sentido cultural, as obras de arte podem conferir *status* às pessoas que as consomem, que fazem dessa algo intrínseco em suas ações e aquisições cotidianas. Nem sempre essa se refere à posse do objeto, mas do acesso a eles e das significações que possam trazer ao indivíduo.

No contexto sociológico, a recepção das obras de arte depende de domínios de códigos culturais, e o acesso permitido pela educação pode exercer papel importante para esse processo.

Afirma-se que o capital cultural pode ser herdado, e nesse âmbito a família exercerá grande influência. Quando a escola assume esse papel de inserção aos espaços culturais, ela age no que concerne à igualdade nas possibilidades de acesso.

Nesses aspectos, concordamos com Bourdieu (2007), que afirma que a escola pode gerar ou ampliar um elo entre instrução e frequência a esses espaços. Nesse quesito, a escola deve respeitar as desigualdades e buscar reverter esses mecanismos de não igualdade diante da cultura, por mais diferentes que sejam os indivíduos, entendendo que todos são iguais em direitos e deveres.

No questionário já mencionado, constatamos que muitos desses alunos não sabem da existência ou nunca foram em algum espaço onde são expostas obras de arte ou acontecem vários tipos de eventos culturais como apresentações musicais, teatrais ou de dança. Outros até conhecem, mas nunca tiveram interesse em frequentarem esses locais. Ao analisarmos as respostas das turmas de 6º a 9º ano da EJA da EMBFC, podemos observar os relatos da aluna Maria Marlene Fróes, de 53 anos, nascida em Virgolândia – MG, aluna do 8º ano do Fundamental II, onde essa descreve que, até então, não conhecia nenhum museu, pois em sua cidade natal não havia. Outros alunos, como Célia Gonçalves, 48 anos, aluna do 6º ano do Fundamental II, da cidade de Peçanha-MG e Adriana dos Santos, 41 anos, aluna do 7º ano do Fundamental II, nascida no Rio de Janeiro, relataram não haver oportunidades e incentivo para conhecerem tais espaços.

Esses são apenas alguns exemplos que citamos e esboçam as realidades encontradas entre os alunos que compõem o público noturno da EMBFC. Nesse contexto, quando apresentamos determinadas obras de arte ou falamos de algumas manifestações culturais, percebemos que todos esses quesitos eram então desconhecidos pela maioria desses indivíduos.

Desgranges descreve que “o prazer advém da experiência, o gosto pela fruição artística precisa ser estimulado, provocado, vivenciado” (2003, p. 29) por isso é necessário estimular os estudantes para as participações sociais, criando condições de acesso a esse público. Não apenas a impossibilidade financeira de grande parte desses jovens e adultos é o que impede este acesso, mas também a falta de oportunidade e estímulo de contato com as diversas manifestações artísticas.

Considerando as descrições de Mantecón (2009), analisamos que o termo “público” vai além do que tem sido utilizado, designando grupos de pessoas que vão a museus, espetáculos, escutam determinado tipo de música e consomem certos produtos, dentre outros. No que cabe ao universo artístico, existem vários públicos de arte, e cabe entender quais são os mecanismos que permitem aos indivíduos fazerem parte desses coletivos que se auto distinguem. Ser público não é uma condição livre, mas uma categoria dada ao indivíduo, um modo de existência dessas pessoas, conjugada com outros modos de ser no meio social.

A função do público é criada devido à demanda das ofertas culturais. Essas ofertas passam pela forma de como determinados produtos culturais se convertem em bens e serviços, transformam-se em consumo para determinados indivíduos. Essa função pode variar de acordo com os processos históricos por que passam. No campo cultural esse papel assume a função de identidade, descrevendo quem são e a quais lugares pertencem esses indivíduos.

Na modernidade, a oferta cultural convoca a que todo indivíduo tenha acesso às apresentações, tendo liberdade de fazê-lo sem importar qual a posição social que ocupa. Assim, pessoas de diferentes naturezas e desconhecidas se encontram no mesmo espaço. A essa convocação, o sujeito pode dar resposta positiva ou negativa, pois isso depende de sua condição social, visto que o público é criado, formado e transformado dentro da sociedade.

Diversos fatores influenciam na formação do público e, dentre eles, destacamos a família - com todo o contexto inerente a ela -, as pessoas que convivem com os sujeitos - influenciando no seu modo de vida-, a comunidade onde estão inseridos, os meios massivos de comunicação e a escola. Segundo Mantecón, são esses, “entre outros agentes que influem – com diferentes capacidades e recursos - nas maneiras como se aproximam ou se afastam das experiências de consumo cultural. (2009, p. 182)

Afirma-se que, para o público de classes sociais menos favorecidas ter acesso a específicas ofertas culturais, é preciso transpor muitas barreiras, como as distâncias geográficas que confere separação aos espaços culturais, afastando-os da maioria da população de uma cidade. Outro fator são os custos do acesso a esses locais, como o transporte, os ingressos e outros elementos. Para Mantecón, esses indivíduos

adquiriram, na sua família e/ou escola, um determinado *capital cultural* que lhes permitiu acessar e desfrutar, em diversas medidas, o que lhes oferecem; percorreram a distância simbólica que afasta muitos do patrimônio sacralizado, produto da construção social hierarquizada; estruturaram de determinada maneira seu tempo livre e deixaram o abrigo de seus lares, vencendo a poderosa atração que exerce a oferta midiática. (2009, p. 184)

Considera-se que, ao transpor todas essas barreiras, é possível que os que não fazem parte desse público implícito, tenham acesso a esses ambientes e deem seguimento ao processo de pertencimento, pois esses locais também foram feitos para eles. Muitos desses indivíduos se classificam como “não público”, pois não se sentem convidados, não sentem atraídos pelas ofertas culturais em questão. Até mesmo a suntuosidade das construções onde se encontram essas ofertas servem como um fator de repulsa, além dos pré-conceitos e do medo de não serem aceitos, de não compreenderem o que está sendo ofertado que esses indivíduos carregam.

A própria comunidade onde os indivíduos estão inseridos contribui para o acesso ou o não acesso aos bens culturais, pois esse consumo não se dá de maneira isolada, mas de forma social. Assim, entende-se o interesse de determinados grupos por esta ou aquela oferta.

Percebemos que é nesse âmbito que a escola poderá ser agente transformador dessa realidade, visto que esse público poderá se constituir pelas influências exercidas pelo ambiente escolar, quando essa favorece o acesso a outros tipos de ofertas culturais.

Diante de tal afirmação, presume-se a necessidade de que a escola extrapole seus limites, indo ao encontro dos espaços culturais, considerando-os como espaços que podem contribuir para o ensino/aprendizagem em Arte, para a sensibilização estética do aluno, assim como para a sua formação integral. Considerando as ideias de Zamperetti (2015), afirma-se que as visitas a exposições e a eventos culturais favorecem a interlocução entre artista e observador, visto que a Arte também é produzida nas inter-relações humanas.

Averiguamos que se fazem pertinentes as ponderações em torno das práticas metodológicas em visitas a museus e espaços culturais com exposições e manifestações artísticas, pensando em um ensino/aprendizagem em Arte que proporcione idas a esses locais, explorando os conteúdos que esses possam oferecer para o processo em questão. Entendemos que, para essa ação ser realizada, é necessário tomar como referência os contextos culturais do alunado, para evitar a visão reducionista no ensino/aprendizagem em Arte.

Nesse sentido, concordamos com Araújo e Oliveira, quando afirmam que o ambiente escolar deve servir como veículo de acesso a locais artístico-culturais, proporcionando aos alunos da EJA não só “conhecimento em arte, mas possibilitar também a ampliação desse saber, ao visitarem museus de arte, exposições de artistas, manifestações culturais diversas, dentre tantas outras”. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2015, p. 4)

A escola pode ser um espaço onde os indivíduos pertencentes ao segmento da EJA ampliem suas competências, desde que as propostas ali empregadas instiguem à busca por essa expansão. As compreensões artísticas a serem desenvolvidas nesse ambiente poderão contemplar a construção social e histórica desses indivíduos.

Lacunas ainda existem quando se interroga por que ainda o público que compõe a EJA não se apropriou desses locais, quais os contextos que favorecem esse não pertencimento e quais as causas do não acesso aos referidos ambientes. Surgem, também, lacunas ao pesquisar se os locais de exposições e espetáculos estão preparados para receber esse público e exercer sua função educativa, visto que há especificidades e peculiaridades no processo de mediação com o alunado da EJA, pois,

conforme Silva (2009), os indivíduos chegam a esses espaços com interesses baseados em sua vivência social, econômica e cultural, em busca de interação com o local.

Ao possibilitar o acesso às obras de arte e aos bens culturais, a instituição escolar proporciona aproximações entre o universo do alunado e o mundo artístico em suas diversas manifestações. Concordamos com Silveira, Biazus e Axt (2012), quando relatam que a apreciação de arte deve ser uma prática nas aulas, visto que ela poderá contribuir para o desenvolvimento da habilidade de percepção do mundo imagético que circunda o observador, e das obras de arte presentes em seu universo. “Por meio da apreciação, educa-se o senso estético, e o aluno pode julgar com objetividade a qualidade das imagens”. (SILVEIRA; BIAZUS; AXT, 2012, p.114).

Defendemos que é preciso pensar em um conteúdo de Arte na educação, que aborde a valorização do acesso aos bens culturais, utilizando desses espaços como meios para aprendizagem artística, oferecendo aos jovens e adultos novas experiências. Assim, pode-se oferecer oportunidades de se tornarem pessoas mais preparadas para perceberem melhor o meio social no qual estão inseridos, bem como saber compreendê-lo e interpretá-lo, buscando maior conhecimento em arte e em suas diferentes manifestações.

Portanto é necessário refletir sobre a inserção do público discente da Educação de Jovens e Adultos – EJA aos espaços culturais onde se encontram exposições e manifestações artísticas em geral.

Quanto às possibilidades e à necessidade de acesso a esses locais oportunizados pelos professores de Arte, Araújo e Oliveira (2015) reiteram que a mediação sobre as obras e manifestações artísticas que serão encontradas ali poderá ampliar a interpretação e o conhecimento acerca das mesmas. Nota-se que essa mediação poderá ser realizada tanto pelo professor como pelos profissionais presentes nos museus e espaços culturais.

Considerando as questões descritas por Albano (2014), reiteramos que todas as coisas presentes nos espaços onde ocorrem exposições e manifestações artísticas são capazes de gerar narrativas ao visitante, visto que poderão criar uma teia de analogias, aderindo-as ao conhecimento desses indivíduos. Essa narrativa é uma síntese dos elementos heterogêneos dispostos nesses lugares.

Defende-se que, se conhecimento e experiência estão interligados, a visita a esses espaços deveria funcionar como uma mescla de percepção sensorial, afeto e cognição, oportunizando a quem entrar em contato com o material presente nesses locais a capacidade de criar sínteses que desenvolvam a habilidade de argumentação.

Observamos que, ao entrar em contato com as manifestações artísticas e obras presentes nos espaços culturais, o alunado da EJA é capaz de dialogar com esse contexto, somando essa vivência às suas experiências e, posteriormente, ao seu conhecimento de vida.

Concluimos que a apropriação desses espaços proporcionará aos educandos jovens e adultos a oportunidade de vivenciar outros ambientes, provavelmente distintos daqueles onde comumente transitam. O contato com as obras presentes, assim como a apreciação e fruição das manifestações artísticas ali ocorridas ou expostas tecerão narrativas, possibilitando experiências ao processo de ensino/aprendizagem desse alunado.

Mediação Cultural: Práticas Educativas em Espaços culturais com alunos da EJA

Considerando o problema levantado e seguindo as indicações de Pimentel (2014), analisamos que a aprendizagem em arte se dá pelas experiências de vida, pela percepção e pela interação com o mundo. Pesquisar em arte e sobre arte é uma forma de propor novos métodos e refletir sobre os que já existem, logrando maiores conhecimentos para este campo.

Nas visitas realizadas com os alunos no 1º semestre letivo no ano de 2015, observamos que estranhamento, vislumbre e encanto se mesclam numa realidade de descobrimento e apropriação desses territórios. Permeiam na visão de muitos desses alunos que tais espaços não podem ser frequentados por eles, conforme ouvimos os relatos orais de alguns desses alunos.

Ao citar Bourdieu e Darbel (1969), os pesquisadores Hanquine e Savage (2012) relatam que os espaços museais e culturais preocuparam-se em agradar e ser espaços para uma classe média alta, distanciando daqueles sem capital, pensando que apenas esta população tinha tendência e interesse estético por estes espaços, o que defendemos ser uma plausível explicação para os relatos citados.

Com o intuito de conhecer os espaços culturais presentes na capital mineira, em junho de 2013, propusemos para os alunos da EJA da Escola Belizário Ferreira Caminhas uma visita ao Museu de Arte e Ofícios, situado na área central de Belo Horizonte. O Museu abarca uma coleção de peças relacionadas ao trabalho, compreendendo o período do século XVII ao século XX. As obras foram colecionadas pelo engenheiro Flávio Gutierrez e o Museu idealizado por sua filha, Ângela Gutierrez. As peças coletadas em diferentes fontes foram doadas pela família em 2005 para o Patrimônio Público para constituir o então Museu de Artes e Ofícios, instalando o acervo no prédio da antiga Estação Ferroviária de Belo Horizonte.

Pensamos nesse espaço devido os objetos que ali se encontram, pois esses se aproximariam do universo desse alunado, por serem elementos que remetem ao trabalho, fazendo memória dos tempos passados vividos por muitos desses alunos nas zonas rurais, nas quais alguns deles residiram em algum momento de suas vidas. Além do rememorar, essa visita configurou-se como uma

oportunidade para que os educandos da EJA pudessem ter acesso aos espaços da capital mineira, explorando esse território com um olhar voltado para a apreciação, para o lazer, indo além dos limites de Betim – cidade onde residem.

Os objetos presentes nesse museu remetem à história do trabalho e sua evolução. São objetos que abarcam os diversos tipos de ofícios, muitos deles hoje se tornaram obsoletos, caindo no desuso. Dos alunos que visitaram esse espaço, a maioria era de pessoas mais velhas, que passaram parte de sua vida nos campos e, ao chegarem à cidade em busca de novas possibilidades de vida, puderam se deparar com profissões como os lambe-lambes nas ruas da cidade, engraxates, mascates, etc.

No Museu puderam lembrar dos vendedores de leite, com suas leiteiras, os arados do gado para volver a gleba e prepará-la para receber as sementes, as formas de queijo, os tachos de cobre para fazer doces e quitutes para serem comercializados, as bateias usadas para separar as gemas da terra, as canoas usadas para o transporte e a pesca, os alambiques para destilar a cachaça, os frascos usados nas antigas farmácias e nos boticários para guardarem as fragrâncias.

Para os mais jovens, os objetos rememoravam a casa dos avós, inevitavelmente evocavam as memórias da infância permeadas de nostalgia, suscitando comentários, analogias com o passado e o presente e a evolução de uma era tecnológica, cujos frutos são experimentados por eles.

Conhecemos o MAO (Museu de Artes e Ofícios) devido à curiosidade por entender o que era exposto naquele prédio suntuoso, presente na Estação Ferroviária Central da cidade. Ao adentrar nesse espaço, podemos lembrar de profissões descritas por nossos pais e avós, objetos presentes nas histórias que narram o cotidiano de suas vivências passadas. Tal experiência nos levou às raízes, aos fatos que nos constituem, visto que somos fruto dessas experiências de vida.

Mas, se esse local possui a capacidade de rememorar e suscitar histórias, poéticas de vida, o que impede a aproximação desse público a esse espaço?

Embora os objetos ali presentes remetam às várias classes sociais brasileiras, é possível refletir, no que tange o universo trabalhista braçal, manual, a aproximação desses objetos das classes populares é mais plausível e tácita.

Ao retornarmos para a escola, a visita foi explorada em relatos e partilhas coletivas sobre a experiência vivida naquele espaço. Em História, os elementos vistos na visita puderam ser mais explorados, pois contemplavam o conteúdo trabalhado, no caso, Revolução Industrial.

Vindo também ao encontro da proposta da pesquisa, tivemos a oportunidade de receber na cidade de Belo Horizonte em abril de 2015, uma exposição itinerante de Kandinsky. Organizamos

uma visita com os alunos da EJA da EMBFC e os discentes relataram, após a visita, suas experiências e impressões acerca das obras expostas no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB/BH. Podemos observar a satisfação de vivenciarem um universo ainda desconhecido, não explorado por eles. O contato com as obras, a troca de informações realizada pela mediadora do espaço e as inferências verbalizadas pelos alunos da EJA foram pontos relevantes na experiência dessa visita e na mediação ali ocorrida.

Observamos que estar diante de obras de Arte, e não apenas reproduções das mesmas, e através delas conhecer outras visões de mundo, a vida do artista e poder perceber as dimensões e as técnicas utilizadas auxiliaram no processo ensino/aprendizagem em Arte nas atividades propostas aos alunos da Escola Belizário. Anteriormente à visita, fizemos uma aula sobre o Abstracionismo, sobre o artista e suas obras que seriam apresentadas e apreciadas no CCBB/BH. Falar em arte abstrata era apresentar um universo desconhecido para esse alunado. Eram comuns as falas pejorativas a respeito do Abstracionismo como, por exemplo, alguns alunos relatavam que não o consideravam como arte e diziam que qualquer um poderia fazer aquela obra, e que eles também queriam fazê-la, para ficarem famosos e ganharem dinheiro.

Ressaltamos o papel dos mediadores nessa exposição, que souberam dialogar e contextualizar as obras vistas, consonantes com a mediação feita pelo professorado, confluindo com as informações obtidas na escola. Rodrigues e Crippa (2011), ao citarem Rasse (2000), descrevem que a mediação é uma forma de interferência que pode ser direta ou indireta, ligando o que pode ser percebido às simbologias culturais.

Após visita a essa exposição, ao retornarmos para o ambiente escolar, deixamos que os alunos pudessem expor suas impressões em relação ao que foi visto. Em um segundo momento, propusemos atividades onde os alunos deveriam reproduzir obras abstratas inspiradas na exposição vista. Essas reproduções deveriam ser feitas através da técnica de colagem, buscando criar composições desprendidas, do figurativo, assim como propõe o Abstracionismo de Kandinsky. Os alunos recortaram papéis coloridos e em uma base de papel branco, construíram uma composição, inspirando-se na técnica vista.

Devido à visita a exposição, a proposta de atividade foi melhor assimilada, assim como a compreensão e contextualização desse estilo artístico, pois o contato com as obras, o conhecimento da técnica, a biografia e contexto histórico do artista trouxeram o que outrora era distante para o palpável, para o experimento desses alunos.

Observamos que, nessas práticas educacionais, apresentar a História da Arte, contextualizando as obras vistas, foi uma forma de obter bons resultados. Barbosa (1991), na

Abordagem Triangular, descreve a necessidade da contextualização. A leitura das obras de arte necessita de contexto para ultrapassar a simples apreensão dos objetos.

Também em 2015, no mês de junho, o Palácio das Artes abriu a temporada de apresentações operísticas em Belo Horizonte. Na ocasião foi apresentada *Carmem*, uma ópera inspirada em uma novela de 1845 do escritor Prosper Mérimée, composta em quatro atos pelo francês Bizet, tendo como enredo a história de amor, traição e vingança, onde uma sedutora cigana se envolve em um triângulo amoroso.

A Fundação Clóvis Salgado, por meio do Projeto de Pesquisa e Extensão, oferece convites às instituições escolares cadastradas, para participarem de apresentações artísticas, disponibilizando ingressos gratuitos para o alunado e professorado.

A Fundação entrou em contato para saber do interesse em participar de tal evento e aceitamos a proposta de levar os alunos da EJA da Escola Belizário ao espetáculo ofertado.

Por se tratar de uma oportunidade repentina, o tempo de em apenas uma aula, antes da ida ao espaço, foi possível fazer uma breve explanação do que ocorreria e o que era essa apresentação. Nesse momento, foi dada a palavra para alguns estudantes exporem suas opiniões e conhecimentos em relação a essa oportunidade de visita. Segundo relatos feitos por eles, notamos que até então ninguém havia assistido a uma ópera e, em sua maioria, não sabiam do que se tratava, sendo preciso trazer essas informações posteriormente à experiência do espetáculo, somando-as às impressões que eles puderam ter ao apreciá-lo.

Nem todos os alunos tiveram interesse em participar da ida ao espetáculo, sendo que alguns mencionaram imaginar que fosse algo enfadonho e que fugia do repertório musical que faz parte da apreciação deles. Deduzimos então que, embora sejam poucos, determinados indivíduos tinham algum conhecimento prévio sobre as apresentações operísticas.

No espetáculo, os alunos puderam apreciar a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais regida pelo Maestro Marcelo Ramos, a apresentação do Coral Lírico de Minas Gerais e o Coral Infantojuvenil Palácio das Artes. Em cena puderam ver a apresentação da Cia de Dança Sesiminas também compondo o elenco. Nas apresentações dos solistas, os alunos puderam fruir e apreciar os naipes vocais, elementos presentes nessa apresentação operística.

Observamos que essa apresentação era um universo sendo descoberto pelos educandos. Tudo era tecido em um contexto a ser desvendado, experimentado e apreciado por esses alunos. Os olhares ávidos, o vislumbre diante do canto e da potência das vozes solistas, da harmonia dos instrumentos da orquestra e do coro, o impacto ao ver o desenho feito pelos corpos ao dançarem, a

composição dos figurinos e seu diálogo com a encenação, a cenografia e jogo de luzes, tudo descortinava em uma paisagem visual e sonora diante da experiência singular para esses alunos.

Para alguns desses discentes, principalmente os mais idosos e que se encontram na fase de letramento, a dificuldade encontrada foi a leitura da legenda, pois a ópera é apresentada em francês. A percepção e entendimento da peça, segundo seus relatos, se deram pela dedução do que era encenado pelos atores e o pouco daquilo que puderam ler em língua portuguesa na tela da legenda. Esse fato ressalta a capacidade comunicativa da Arte, que vai além da comunicação verbal e escrita. Os elementos que constituíam a ópera, em consonância, transmitiram as informações necessárias para a fruição da peça, atingindo até mesmo o público presente que não conseguia acompanhar o enredo através da legenda.

Nesse espaço, quando o público da EJA se deparou com outro mais elitizado e acostumado a frequentar esse ambiente, houve conflito, alargando as lacunas existentes nesse universo. Uma das senhoras, no momento de intervalo, relata que por muito tempo teve que ficar na espera para usar o *toilette*, e nesse trajeto uma mulher, com trajes finos, fizera uma crítica, dizendo que não concordava com a ideia de popularizar a ópera, pois tudo ficou pior, visto que as pessoas menos favorecidas economicamente não vinham com trajes adequados para tal lugar, influenciando até mesmo no tempo de espera nas filas. Tal relato demonstra que algumas pessoas ainda têm preconceito e o sentimento de que esses espaços e apresentações artísticas devem ser restritos a apenas alguns indivíduos que ocupam determinada classe social.

Ao analisarmos essa experiência, trazemos à tona a seguinte reflexão: até que ponto a inserção do público da EJA em espaços tradicionalmente mais requintados e com manifestações artísticas que se apresentam de forma nova para sua apreciação de gosto, aproximam ou contribuem para o afastamento e dilatação desse sentimento de exclusão?

Concluimos que essas propostas, mesmo sendo oportunizadas para o público em geral, podem não estar preparadas para atender em sua totalidade as pessoas que ali se encontrarão, podendo reforçar distâncias entre esses universos. Em consonância com Hanquine e Savage (2012), pensamos que esses espaços são vistos como um ambiente do prazer associado ao lazer para alguns visitantes e para outros um ambiente entediante, hostil para aqueles que ainda não estão acostumados a frequentar instituições culturais.

A mediação ocorrida em tais espaços deve visar à comunicação entre o universo do indivíduo e o que está sendo exposto. As obras e apresentações artísticas presentes nesses espaços devem permitir um novo olhar sobre os conceitos e imbricações já concebidos, conduzindo a novas perspectivas, novos pensamentos, dialogando com as simbologias presentes no mundo.

Embora fosse perceptível esse traço negativo para alguns alunos, outros, no entanto, descreveram a singularidade dessa experiência, trazendo pontos significativos para suas vidas.

Conforme mencionamos, a visita a ópera ocorreu de forma repentina e só pudemos trabalhar sobre as questões referentes à mesma após a realização da visita. Propusemos um relato livre, onde os alunos deveriam descrever suas experiências depois da ida ao espetáculo. Selecionamos alguns registros dos relatos escritos feitos no ambiente escolar e que esboçam as impressões sobre a apresentação.

A aluna Jéssica Monanielle Gonzaga, 20 anos, estudante do 9º ano do Fundamental II, relatou: “Olha, eu não tenho palavras para descrever o que senti na hora! Agradeço muito a oportunidade que o professor nos ofereceu de conhecer coisas novas e recomendo a todos ver essa ópera que envolve as pessoas da melhor maneira”. A aluna Maria Marlene, 53 anos, aluna do 7º ano do Fundamental II, descreveu: “Fiquei maravilhada com o espetáculo. Tudo foi novo [...] principalmente para mim que nunca tinha ido a um teatro. [...] Espero ter novas oportunidades e adquirir novos conhecimentos”. O aluno Ray Junio, 19 anos, aluno do 7º ano do Fundamental II, descreveu: “Eu me senti maravilhado com as coisas que eu vi. Foi uma experiência maravilhosa porque eu nunca assisti uma ópera na minha vida, e também o balé foi incrível, tudo bem trabalhado”.

O aluno Marcos Almeida da Silva, 25 anos, aluno do 9º ano do Fundamental II, em seu relato, diz: “Eu achei a ópera muito interessante: os bailarinos, os instrumentistas, os músicos, a história narrada através da música [...] Sendo também a primeira vez que estive numa ópera [...] gostei muito. Espero ir mais vezes”.

A aluna Lilia Ágata Félix Costa, 17 anos, aluna do 7º ano conclui que “infelizmente nem todo mundo tem acesso a esse tipo de cultura, por vários motivos como falta de informação [...] Mas hoje em dia, esse tipo de cultura está se tornando cada vez mais viável, alguns teatros oferecem peças livres e gratuitas, para todo público. Pretendo visitar bastante o teatro e conhecer museus”.

O espaço em si configurou-se como um novo universo de experimentação. Tradicionalmente, o Palácio das Artes oferece requinte e sofisticação nas temporadas operísticas. Os arranjos florais, os lustres acesos, a venda de espumantes por pessoas com indumentária específica conferem *glamour* ao momento. Analisamos que todo esse esboço proporcionara duas vivências, conforme relatos: para alguns era um contexto que o excluía mais, pois não fazia parte de sua realidade; outros, em especial os mais jovens, se sentiam integrantes desse contexto, percebiam sua importância como ser e foram se apropriando do espaço que também é deles.

Após o espetáculo, retornando ao cotidiano escolar, desenvolvemos algumas atividades relacionadas à ópera. Como um número considerável de alunos não compareceu ao espetáculo, oportunizamos que vissem trechos da ópera realizada em outros países, através da projeção de vídeos, quando conversamos sobre o que é uma ópera e os colegas que estiveram na apresentação puderam relatar para os demais suas impressões sobre a peça. Apresentamos também os diferentes tipos de vozes e seus papéis na atuação operística. Aos que estavam presentes, foi pedido uma descrição dessa experiência.

Posteriormente, os alunos fizeram a descrição da personagem *Carmem*, elegendo uma imagem que melhor retratava essa cigana. Após discussão sobre gênero, relacionamento amoroso e construção social em torno da figura feminina, propusemos que os alunos construíssem, com desenho, a figura da personagem, caracterizando-a de acordo com a cultura cigana.

Surgiram então reflexões sobre o povo cigano e muitos desses alunos tinham uma visão distorcida sobre as tradições e costumes desse povo. A experiência recordou tantas outras ocasiões que ocorreram em sala de aula quando apresentamos outros modos de vida que divergem do que os discentes da EJA da Escola Belizário estão acostumados a vivenciar. Ao verem danças, artefatos, roupas que remetem a culturas diferentes da que os alunos estão inseridos, são comuns falas pejorativas em relação as essas manifestações, com a visão de que as mesmas não são expressões benéficas para as pessoas, tanto para quem as pratica como para quem assiste; todo esse discurso é justificado e sustentado em nome de uma moral-religiosa ou de preconceitos sociais estabelecidos.

Consideramos que a educação não pode ser dissociada da cultura: sob esta ótica, valorizar as manifestações culturais locais, suas expressões artísticas e seu artesanato são ações fundamentais que podem ser exploradas nas aulas de Arte, enriquecendo as práticas no processo de aprendizagem, conforme Leite (2005).

Nesse contexto, concluímos que é preciso fazer das aulas de Arte para os alunos da Escola Belizário uma oportunidade para conhecerem algumas das diversas manifestações culturais que poderão encontrar durante sua existência, sem carregarem consigo visões desviadas a respeito dessas culturas.

O Brasil abarca em si uma gama de manifestações artístico-culturais, riqueza esta proporcionada pela nossa formação étnica durante a história. Concordamos com as considerações de Cauquelin (2005) ao relatar que a arte é a forma mais fiel de falar das sociedades, visto que os objetos presentes nas civilizações mantêm a memória delas. As obras de arte são meios que nos introduzem nas outras formas de pensar o mundo. Defendemos ser necessário conduzir os alunos a conhecerem as manifestações artísticas regionais, presentes na diversidade cultural brasileira,

refletindo como a Arte também é um fruto da cultura, algo inserido nas práticas e relações cotidianas.

Percebe-se que essa contextualização faz produzir sentidos na vida de quem observa. Porém, considerando as ideias descritas por Dewey (2010), ressaltamos que é preciso ter certa cautela ao apresentar a arte sob essa visão, tomando cuidado para que as obras não sejam reduzidas a simples documentos históricos.

Após a apreciação da ópera e diante das questões descritas pensamos que seria pertinente apresentar as possibilidades e diversidade da cultura em geral, fazendo um recorte para a cultura brasileira.

A ópera era composta também por um núcleo de dança, e os bailarinos apresentaram danças ciganas e flamencas, e, conforme percebemos, essas coreografias conferiram impacto e motivo de debates entre os alunos. Diante desse fato, optamos por fazer um trabalho focado especificamente nesse campo artístico.

Conforme Assunção, inserir o indivíduo nesses espaços “implica um aprendizado de convivência junto aos grupos sociais, um modo de ser e estar no mundo, trocas de valores e culturas que ampliam o desenvolvimento de sua personalidade”. (2014, p. 33).

Em sala de aula, propusemos aos alunos a pesquisa de danças típicas do Brasil de acordo com as características de cada região, percebendo as influências indígenas, negras e europeias em cada uma delas, buscando reconhecer suas identidades e raízes naquelas que lhes pareciam mais familiares. Essa pesquisa foi realizada através de textos e documentos audiovisuais, observando adereços, movimentos, estilo musical e figurinos utilizados.

Após assistirem vídeos sobre essas danças, optamos por transpor os elementos que as compunham para trabalhos de artes visuais, proporcionando interação entre essas áreas. Propusemos que escolhessem uma imagem relacionada a uma dessas danças e a representassem através de pintura em painéis para serem expostos no ambiente escolar. Esses painéis foram criados em papel cartolina, com pintura à aquarela e guache. Em grupos, os alunos pintaram cenas que esboçavam a dança escolhida, baseando em desenhos extraídos da internet, valorizando os adereços e vestuário que compunham a cena. Após essa criação, os alunos expuseram seus painéis em um espaço, para que as demais pessoas do corpo escolar pudessem apreciar.

As discussões sobre influências étnicas, diversidade cultural e as diferentes manifestações artísticas presentes no Brasil foram ricas, pois alguns alunos traziam histórias e memórias de suas terras de origem, socializando com os demais em sala de aula, informações que foram preciosas até para a confecção dos painéis.

As atividades surgidas após a visitação desses espaços angariaram informações e questionamentos que permitiram traçar propostas que melhor atendessem às demandas trazidas por esse alunado.

Não somente os espaços culturais podem oferecer troca de experiências e conhecimentos para os educandos, mas o próprio percurso entre a escola e os espaços a serem visitados possibilitam aprendizagem. Pelo caminho vão descobrindo locais, estruturas arquitetônicas, espaços de lazer, criando analogias com seus prévios conhecimentos, dialogam com os ambientes presentes na cidade, nos territórios culturais e sociais.

A cidade abarca em si diversos conhecimentos que ainda não foram explorados por muitos desses indivíduos. No cenário urbano, as diversas imagens encontradas são capazes de transmitir valores e saberes, conforme descrito por Vasconcelos et al. (2013).

Para esses autores, a cidade é um espaço simbólico onde as imagens ali presentes, sejam elas publicitárias, religiosas, grafites, políticas, sinalizações, pichações ou formas arquitetônicas, denominam e caracterizam um território, assim como aqueles que o habitam, e ao mesmo tempo dialogam, inferem mensagens ao transeunte. A cidade e seus espaços criam discursos que poderão auxiliar ou ser objeto de estudo nas aulas de Arte.

Consideramos as reflexões suscitadas por Dewey (2010), que afirma que o pensamento reflexivo se dá na relação com o ambiente. Se não há relação com o ambiente, não é possível desenvolver o pensamento reflexivo crítico. Só a própria pessoa poderá dizer de sua experiência.

No questionário aplicado, foi descrito que muitos nunca saíram do ambiente rotineiro em que habitam e trabalham. Analisamos o primeiro período, segmento esse que corresponde ao 6º ano do Ensino Fundamental II, e podemos averiguar que dos 10 alunos entrevistados, oito não conheciam qualquer tipo de espaço cultural onde ocorrem exposições e espetáculos. Desses, quatro alunos declararam não ter participado de qualquer evento cultural como *shows*, teatros ou apresentações de danças.

Nesses relatos observamos que o trânsito pela cidade se resume no trajeto casa/trabalho/escola/casa. Desta forma, o conhecimento sobre a cidade, a diversidade de manifestações culturais e artísticas, e os bens patrimoniais presentes pode tornar-se limitado, reduzido. A cidade de Betim e as demais cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte compreendem em si uma diversidade de locais e obras pertencentes ao patrimônio artístico e cultural. Nota-se que conhecer esses bens é apropriar-se da cidade, de seus espaços e dos direitos cabíveis a todo e qualquer indivíduo.

O patrimônio artístico e cultural pertence às pessoas, pois essas são herdeiras e fazem parte desses bens, segundo Fontal (2008). Falar do patrimônio no conteúdo de Arte é também falar da identidade de um povo, da relação desses indivíduos com elementos materiais, imateriais e espirituais. Para Aguirre (2008), a ideia de patrimônio vai além da herança de bens culturais antigos. O patrimônio é eleito como aquilo que representa a identidade de uma comunidade e testemunham suas tradições, narrando características artísticas, sociológicas, religiosas, antropológicas ou filosóficas de um povo.

Assim, as pessoas participam desse patrimônio, seja ele material ou imaterial e esses patrimônios falam de um conjunto de valores. Os bens patrimoniais não podem existir sem as pessoas e não terão sentido se não forem colocados à disposição desses indivíduos.

O olhar educacional centra-se na aprendizagem do indivíduo ou do grupo, unindo estes aos valores e aos efeitos produzidos destes bens nos indivíduos. Segundo Fontal, “[...] qualquer conteúdo de ensino-aprendizagem pode pretender ser patrimonial, ou seja, tomar parte da identidade de referência de indivíduo, conectando a seus círculos de interesse, necessidades, preocupações, preferências [...]” (2008, p. 38) ²

Concluimos que a escolha dos elementos patrimoniais do nosso tempo não é só papel de historiadores e críticos, mas o público em geral, desde crianças a anciãos, pode participar dessa eleição. Os espaços onde ocorrem exposições e apresentações artísticas - sejam estes museus, centros, teatros ou galerias, entre outros - podem tomar consciência de seu papel como agentes construtores e valorizadores do patrimônio.

Ao professor de Arte cabe a proposta de ir além daquelas práticas que já são convencionais, mostrar ao educando que existem novas possibilidades nas representações artísticas e devem ser experimentadas, valorizando-as em sua diversidade, visto que, conforme Dewey (2010), a arte é o meio mais eficaz na comunicação do homem com ele mesmo, a forma mais precisa de sua interação com a realidade e o mundo.

Analisando as ideias de Coutinho (2012), podemos concluir que o professor, ao organizar uma visita aos espaços culturais, deve considerar as relações entre os indivíduos e os contextos oferecidos pelos ambientes. A arte permite essa mediação entre o indivíduo e o mundo. A escola deve, portanto, tomar cuidado para não reforçar ou legitimar os distanciamentos existentes entre o

²[...] cualquier contenido de enseñanza-aprendizaje puede pretender ser patrimonial, es decir, formar parte de los referentes identitárias de las personas, conectar con sus círculos de interés, sus necesidades, inquietudes, sus preferencias [...] (tradução nossa)

alunado e os espaços culturais. O professor deve, também, auxiliar no processo de desmitificar a sacralização dos espaços culturais, procurando minimizar esses distanciamentos.

Percebe-se que as mediações ajudam na forma de interpretação do alunado, trazendo aos mesmos essas informações que auxiliam na ampliação de seu conhecimento. Outro ponto instigante da mediação é a socialização de diferentes pontos de vista, estabelecendo diálogos que poderão trazer enriquecimento ao processo de ensino/aprendizagem em arte, conforme se espera ao realizar essa inserção nos espaços culturais. O docente de Arte, em seu papel de professor-mediador, pode estabelecer essas inter-relações entre os indivíduos, instigando e permitindo que as opiniões sejam expressas e que diálogos sejam formados, conforme reitera Coutinho.

Sabe-se que muitos adultos tiveram seu primeiro contato com um espaço cultural, devido à iniciativa de seus professores. “A qualidade desta iniciação fica registrada na memória afetiva e vai, em grande parte dos casos, determinar as práticas culturais destes sujeitos”. (COUTINHO, 2012, p. 52)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos averiguar que trazer essas visitas e os possíveis ganhos que elas oferecem para a troca de conhecimento nas práticas escolares, é aproximar o mundo externo com todas as suas significações, o tornar palpável no ambiente institucional, auxiliando no processo de cognição.

Nas experiências vivenciadas pelos discentes da EJA e em alguns dos relatos feitos por esses, as propostas desenvolvidas nas aulas de Arte podem minimizar as lacunas existentes entre esses dois universos.

Notou-se que o público jovem e adulto requer novas dinâmicas metodológicas para que haja aprendizagem; os locais onde ocorrem manifestações artísticas e espetáculos contribuem de forma significativa para o ensino/aprendizagem de Arte.

A apreciação das obras de Arte presente nesses locais e as diversas manifestações artísticas que poderão ocorrer nesses ambientes, a mediação tanto de monitores quanto do docente devem ser feitas tomando-se o contexto cultural como um norte a ser percorrido, para o processo ensino/aprendizagem não cair no reducionismo.

Percebemos que a experimentação e a significação feita pelo indivíduo pode entrar em consonância com o que cada expectador carrega em si, com suas experiências anteriores, concretizando e recriando conhecimentos. As propostas pedagógicas que visam realizar visitas às exposições artísticas propiciam relações entre o mundo externo e o interior de cada pessoa, ampliando a interação entre sujeito e sociedade, entre o indivíduo e a arte em suas dimensões.

Esses espaços carregam em si informações, proporcionadas através dos objetos ali presentes e das representações artísticas ali realizadas em consonância com o próprio espaço arquitetônico em que se encontra, dialogando com o contexto da cidade que o circunda.

O próprio trajeto para esses espaços confere narrativas pertinentes às trocas de experiências e ampliação de leituras de mundo para esses alunos que tendem a permanecer limitado nas realidades circunscritas em seus ambientes de convivência.

Observamos alguns desafios nessa proposta e que necessitam reflexões. Os alunos da EJA da EMBFC, em sua maioria trabalhadores, não conseguem chegar em tempo hábil para participarem das idas a esses espaços. Embora alguns trabalhem em Belo Horizonte - local onde se encontram os espaços descritos neste trabalho – alguns alunos não foram às atividades por não conhecerem os caminhos da cidade que possibilitavam a sua ida e só relataram essa dificuldade após acontecidas as visitas.

A carência econômica, tanto institucional quanto dos indivíduos, também foi um fator que muito influenciou na participação dessas experiências. Os alunos que declararam não ter condições de arcar com as despesas foram ajudados pelos professores, que se uniram e custearam a ida; porém alguns, por timidez, não relataram suas dificuldades e simplesmente optaram por não ir. O pagamento do transporte sempre ficava a cargo da escola que, sem verbas, rateava o valor entre os participantes.

Percebemos que outro fator que influenciava na apreciação do espetáculo visto era a ideologia religiosa arraigada em muitos desses indivíduos que, por vezes, conduzia a uma visão distorcida e comentários pejorativos sobre as apresentações. Contudo, a experiência vivida nessas visitas proporcionou reflexões, abrindo possibilidades de diálogos e exposição de outros pontos de vista, que também podem ser assimilados e vistos como válidos.

Como agendamos a ida ao CCBB/BH e ao Museu de Artes e Ofícios com antecedência, foi possível fazer uma prévia do assunto a ser visto. Já na ida ao Palácio das Artes, por se tratar de uma proposta repentina, trabalhamos o conteúdo visto apenas após o espetáculo. O tempo incipiente dificultou que alguns alunos participassem por não conseguirem recursos em tempo hábil, e outros, conforme já mencionado, optaram por não participarem, por não conhecerem ou não apreciarem o estilo operístico.

Concluimos que a proposta de inserção do alunado da EJA a esses espaços contribuiu para as práticas cotidianas escolares no ensino/aprendizagem em Arte, levantando reflexões, consolidando saberes, oferecendo inferências para o enriquecimento e ampliação de conhecimentos nessa área.

Proposta Pedagógica de inserção em Espaços Culturais para alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA

As propostas de ensino/aprendizagem de Arte para a Educação de Jovens e Adultos – EJA requerem um olhar diferenciado, visto que esse público apresenta características próprias, peculiaridades que o distingue do demais corpo discente da escola regular.

Muitos dos alunos da EJA demonstram pouco conhecimento sobre as manifestações artísticas ocorridas na região onde habitam ou por onde transitam na rotina de trabalho ou de lazer. Quando ampliada essa esfera de experiências, pelo contato com essas manifestações, são dadas possibilidades de pertencimento a outros espaços ainda não conhecidos devido a diferentes naturezas, como distância e falta de informação, dentre outros. As aulas de Arte podem proporcionar um meio de estreitar a distância entre esse alunado e os espaços culturais existentes nas cidades onde residem.

As cidades abarcam em si manifestações artístico-culturais diversas e a exploração dos espaços sociais poderão conferir saberes pertinentes aos estudos artísticos. Pensar em propostas no ensino/aprendizagem de Arte para a Educação de Jovens e Adultos com o intuito de que os alunos se apropriem desses espaços, reconhecendo as manifestações artísticas que ocorrem em suas cidades e suas características, colabora para a formação de cidadãos conhecedores dos espaços culturais que os circundam.

A presente Proposta Pedagógica tem como intuito sugerir aos docentes a inserção dos alunos da EJA nos locais presentes nas cidades onde se encontram exposições de artes visuais, apresentações de música, de espetáculos de dança e de teatro.

Extrapolar os limites escolares poderá ser uma proposta que, além de instigante, conferirá novas gamas de trabalho, abrindo novos horizontes de discussão no ensino/aprendizagem em Arte.

Objetivo da Proposta

Organizar a participação de alunos em experiências nos espaços culturais, com vistas ao ensino/aprendizagem em Arte

Público:

Alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA

Habilidades a serem trabalhadas:

- Conhecimento e apropriação dos espaços culturais presentes na cidade.
- Capacidade de apreciar de forma estética e crítica as obras e produções artísticas, sejam elas locais, regionais, nacionais ou estrangeiras.

- Produção de relações entre a obra experimentada e outras formas artísticas, criando sentidos e reflexões sobre as mesmas.
- Desenvolvimento da percepção sobre as características das obras, assim como os elementos que as compõem.
- Apropriação do vocabulário e de elementos próprios das artes.

Recursos necessários

- Caso o local seja distante da escola, é preciso combinar de antemão com os alunos qual será o meio de condução, ou onde será o ponto onde a turma se encontrará para a visita.
- Será preciso, dependendo da localidade a ser visitada, providenciar um meio de transporte (ônibus, *vans*, carros de passeio, etc.).
- Materiais para anotações e outros registros: lápis, papel, prancheta etc.
- Caso seja permitido – e esse quesito deve ser sondado antes da visita – providenciar material para registro fotográfico e/ou de filmagem.
- Listagem contendo o nome e documento de identificação dos participantes.

Procedimentos/Descrição da Proposta

O primeiro passo é elencar o local da visita. Ter conhecimento prévio do local, do seu entorno e dos elementos a serem explorados nessa visita é um ponto importante para que o trabalho seja feito a contento. Da mesma forma, é interessante que o docente faça visitas à exposição/manifestação artística antes de levar os alunos, ou que tenha conhecimentos prévios sobre a mesma, para que possa pensar sobre as possíveis questões a serem levantadas pelos alunos e em que pontos poderá desafiar-los a pensar artisticamente. Parcerias com docentes de outros componentes curriculares poderão ser feitas, dependendo do foco de aprendizado pretendido.

Após escolha do local, é preciso que o professor faça a divulgação com os alunos, levantando o número de interessados para se programar em relação ao transporte, lanche, ingressos para o local a ser visitado, dentre outros.

Posteriormente a essa etapa, é necessário averiguar a necessidade de algum meio de transporte para conduzir os participantes até o local escolhido e qual tipo melhor atenderá a demanda da visita. Caso seja necessário é importante fazer o agendamento prévio.

É preciso também passar a informação sobre a quantidade de pessoas que irão ao local a ser visitado para que esse possa se programar em relação a mediadores, materiais e organização interna.

Alguns locais demandam instruções prévias sobre o que será visto e sobre o ambiente a ser visitado, e essa mediação pode ser feita pelo professor ainda no contexto escolar.

O planejamento e a divulgação dessas visitas devem ser feitos com antecedência, de preferência, para que os alunos se programem para a saída, caso necessitem despendere recursos monetários.

No local proposto para a realização da visita, a provocação para que dialoguem com o entorno que os circunda poderá configurar-se como um ponto relevante para a proposta. Para muitos alunos da EJA, esses locais serão inusitados, sendo a primeira experiência com esses ambientes. E até para aqueles que já conhecem, é importante instigar a percepção desse espaço através de um novo olhar, compreendendo elementos que tenham passado despercebidos até então.

As propostas de visitas são subsídios para os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula no ensino de Arte. Ao voltar da visita, o docente poderá refletir sobre quais pontos poderão ser explorados na prática escolar. Desde o trajeto até as manifestações artísticas em si, o contato com o outro, as experiências ali vividas, tudo servirá de auxílio para que se possa traçar planos de trabalho baseados nas propostas.

Alguns pontos são importantes para pensar: o que explorar nessa visita? Quais são as demandas do público discente que a visita poderá auxiliar? O que foi almejado ao propor a visita? Por que a escolha do local? Quais são as impressões sentidas pelos alunos? Como foram esses relatos? Quais são as plausíveis possibilidades de ações que poderão advir dessa visita?

Esses são alguns dos questionamentos que poderão auxiliar o professor nas propostas de trabalhos e podem ser feitas após a visita, para que essa proposta não encerre em si e não se torne o “ir por ir”.

No que tange às possibilidades de visitas, poderão surgir ocasiões repentinas como promoções ofertadas pelos estabelecimentos onde ocorrerão as manifestações artísticas, ofertas de ingressos gratuitos para as instituições escolares, exposições e apresentações culturais imprevistas, dentre outras situações. Essas oportunidades, na medida do possível, poderão ser aproveitadas, embora exijam maior mobilização e agilidade na organização e viabilização na saída da escola.

Ao propor a aproximação com os ambientes onde há outras manifestações artísticas ainda não apreciadas pelos alunos da EJA, questões diversas poderão ser exploradas, como a paisagem urbana por onde passarem, buscando construir relações com o ambiente. No trajeto é interessante que o docente instigue os alunos a observarem e questionarem sobre o que está sendo visto, quais elementos são percebidos pelo caminho, pois também fazem parte da aprendizagem e poderão ser explorados não só no conteúdo de Arte, mas também nos demais conteúdos escolares.

As visitas poderão tornar-se oportunidades de contato com outros indivíduos, possibilitando dialogar sobre as relações existentes na sociedade, reestruturando, refletindo sobre os conflitos simbólicos, de forma que possam dialogar e saber conviver com essas questões de forma harmônica.

Entrar em contato com as diferenças requer pensar em noções de respeito diante do que pode ser oposto à forma de pensar, de agir e de se expressar dos discentes da EJA. Essas informações poderão ser pensadas e construídas no coletivo de alunos, visto que essas reflexões não pretendem engessar comportamentos ou formatar pessoas, mas discutir sobre o que seria mais sensato no convívio entre os indivíduos, entre culturas e costumes distintos. Leva-se em conta que essas visitas facilitam o contato de sujeitos/grupos que possuem diferenças em seus modos de vida. É preciso pensar que essas indagações surgem no intuito de buscar maior harmonia nas propostas de trabalho fora da escola.

É importante destacar que tais locais também pertencem a esse alunado, que tais espaços fazem parte da sua cultura e estão inseridos em sua identidade como cidadãos. Esses pontos podem ser colocados em debate com os estudantes, enriquecendo o trabalho a ser realizado no componente curricular Arte.

Como foi mencionado, o professor poderá se deparar com realidades de alunos que nunca tiveram acesso aos locais de manifestações artístico-culturais proposto pela escola. Reflexões poderão surgir quanto a esse não acesso e todo contexto envolvido nessa realidade. Da mesma forma, é passível a reflexão e a suposição de como essa oportunidade oferecida pela escola poderá auxiliar na construção de um hábito que se tornará independente das propostas feitas no contexto escolar, visto que o aluno, ao conhecer esses espaços, poderá criar interesse por eles e inserir essa atitude em seus costumes rotineiros, podendo envolver família e pessoas mais próximas, e até tornar-se mediador em determinadas situações.

Diversas formas de avaliação poderão ser pensadas. É importante que haja a socialização das experiências, deixando que os alunos verbalizem suas impressões e façam a auto avaliação. Nesses relatos o educador poderá pedir que façam analogias com algum conteúdo lecionado.

Outra forma de avaliação poderia advir de releituras de obras, de criações artísticas como pinturas, desenhos, painéis, esculturas dentre outros, inspirado nas exposições ou espetáculos. É importante solicitar que os próprios alunos proponham outras formas de avaliação.

Com essas propostas de visitas, espera-se possibilitar aos educandos, além do conhecimento dos espaços culturais presentes nas regiões onde habitam a ampliação de seus experimentos e aprendizagem no que tange ao universo artístico. Proporcionando esse contato, é possível que a busca por esses espaços se torne um hábito nas opções de lazer desses alunos. No âmbito escolar, é pretendido que essas aproximações consolidem os conteúdos trabalhados em sala de aula, proporcionando experiências mais palpáveis em relação às manifestações artísticas.

Algumas redes de ensino possuem programas de incentivo para que professores conduzam seus discentes a espaços de manifestações artístico-culturais. Na rede de Ensino da Prefeitura de Belo Horizonte-MG, por exemplo, através do *Programa Acervos Museológicos, Democratização*

do Acesso e Formação de Agentes Culturais, são ofertados cursos de formação para os docentes. Esses cursos têm como foco os acervos presentes nas visitas já pré-estabelecidas pela Prefeitura e buscam incentivar os educadores a conduzirem seus alunos a terem contato com esses locais.

Sugestão de leitura e debates sobre esse assunto:

1º Seminário Internacional de Arte e Educação - Instituto Inhotim. Arte, Educação, Museu e comunidade. Fórum permanente. Disponível em: http://www.forumpermanente.org/event_pres/simp_sem/inhotim/videos/arte-educacao-museu-e-comunidade. Acesso em 11/07/16.

COUTINHO, Rejane Galvão. Recepção e mediação do patrimônio artístico e cultural: Formação Docente. São Paulo, SP: UNESP, 2012

RODRIGUES, Bruno Cesar; CRIPPA, Giulia. Mediação Cultural, Arte-Educação e *Web 2.0*: um Novo Conceito de Museu de Arte? *Arte e Ciências*, v. 1, n. 1, Jan/Dez, 2011. Disponível em: <http://www.latec.ufrrj.br/revistas/index.php?journal=museuvirtual&page=search&op=titles>. Acesso em 25/06/15.

SILVA, Susana Gomes da. Para além do olhar: a construção e a negociação de significados pela educação museal. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SILVEIRA, André Luis Marques da; BIAZUS, Maria Cristina Villanova e AXT, Margarete. Panorama das ações educativas nos museus de arte no Brasil. *Confluências Culturais*, v. 1, n. 1, set/2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/lelic/files_gerencador_de_arquivos/artigo/2012/56/1373314629artigo_panorama_das_acoes_educativas_nos.pdf. Acesso em 25/06/15.

VASCONCELOS, Karla Colares; et. al. *Dos Muros da Cidade para o Museu-Galeria-Virtual*: grafites na cidade de Fortaleza. *Arte e Ciências*, v. 3, n. 1, Jan/Dez, 2013. Disponível em: <http://www.latec.ufrrj.br/revistas/index.php?journal=arteeciencia&page=article&op=view&path%5B%5D=462>. Acesso em 25/06/15.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Imanol. Nuevas ideas de arte y cultura para nuevas perspectivas em la difusión del patrimonio. In: AGUIRRE, Imanol (et. al). *El acceso al patrimônio cultural: Retos y debates*. Pamplona: UPNA, 2008.

ALBANO, Caterina. *Narrating place: the sense of visiting*. Museum & Society. March. 2014. Disponível em: <<https://www2.le.ac.uk/departments/museumstudies/museumsociety/documents/volumes/albano.pdf-f-1/view>>. Acesso em 13/09/15.

ALVARES, Sonia Carbonell. *Educação Estética na EJA: A beleza de encinar e aprender com jovens e adultos*. São Paulo: Ed. Telos, 2012.

ARAÚJO, Gustavo Cunha de; OLIVEIRA, Ana Arlinda de. *O ensino de arte na educação de jovens e adultos: uma análise a partir da experiência em Cuiabá (MT)* Educ. Pesqui.: São Paulo, maio. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/2015nahead/1517-9702-ep-s1517-97022015051839.pdf>> Acesso em 25/06/15.

ASSUNÇÃO, Ana Cláudia Lopes de. *Mediação Cultural no Cariri Cearense*. Juazeiro do Norte, CE: RDS, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Seleção, organização, introdução e notas por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. JANOWTZER, Rejane (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COUTINHO, Rejane Galvão. *Recepção e mediação do patrimônio artístico e cultural: Formação Docente*. São Paulo, SP: UNESP, 2012.

DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do Espectador*. São Paulo: editora Hucitec, 2003.

FONTAL, O. Hacia una educación artística “patrimonial”. In: AGUIRRE, I.; FONTAL, O.; DARRAS, B.; RICKENMANN, R. *El acceso al patrimonio cultural*. Retos y Debates. Pamplona: Universidad Pública de Navarra y Cátedra Jorge Otiza, 2008.

HANQUINE, Laurie; SAVAGE, Mike. 'Educative leisure' and the art museum. *Museum and Society*, mar/2012. Disponível em: <https://www2.le.ac.uk/departments/museumstudies/museumsociety/documents/volumes/hanquinetsavage28.pdf>>. Acesso em 25/06/15.

MANTECÓN, Ana Rosas. O que é o público? *Revista Poiésis*, n 14, p. 175-215, Dez. de 2009.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Ensino/Aprendizagem de arte e sua pesquisa. In: ROCHA, Maurílio Andrade MEDEIROS, Afonso (orgs.). *Fronteiras e Alteridade: olhares sobre as artes na contemporaneidade*. Belém: PPGArtes UFPA, 2014.

RODRIGUES, Bruno Cesar; CRIPPA, Giulia. Mediação Cultural, Arte-Educação e *Web 2.0*: um Novo Conceito de Museu de Arte? *Arte e Ciências*, v. 1, n. 1, Jan/Dez, 2011. Disponível em: <http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=museuvirtual&page=search&op=titles>>. Acesso em 25/06/15.

SILVA, Susana Gomes da. Para além do olhar: a construção e a negociação de significados pela educação museal. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital Cultural, Classe E Gênero em Bourdieu. *INFORMARE – Cad. Prog. Pós-Grado CioInf.*, v. 1, n. 2, p. 24-36, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/215/1/OlintoSilvaINFORMAREv1n2.pdf>>. Acesso em 25/10/15.

SILVEIRA, André Luis Marques da; BIAZUS, Maria Cristina Villanova e AXT, Margarete. Panorama das ações educativas nos museus de arte no Brasil. *Confluências Culturais*, v. 1, n. 1, set/2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/lelic/files_gerenciador_de_arquivos/artigo/2012/56/1373314629artigo_panorama_das_acoes_educativas_nos.pdf>. Acesso em 25/06/15.

VASCONCELOS, Karla Colares; et. al. Dos Muros da Cidade para o Museu-Galeria-Virtual: grafites na cidade de Fortaleza. *Arte e Ciências*, v. 3, n. 1, Jan/Dez, 2013. Disponível em: <http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=arteeciencia&page=article&op=view&path%5B%5D=462>>. Acesso em 25/06/15.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Estar-junto na sala de aula: inter-relações e reflexões para o ensino de arte. *Artes de Educar*, 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/11693>>. Acesso em 25/06/15.